

# À Floresta que um dia chamei de casa

— LÍVIA VITENTI —

intransitiva  
• revista

LUGARES QUE NOS HABITAM (V. 8, N.1, 2024)

# À Floresta que um dia chamei de casa

Lívia Vitenti

---

Na ilha onde vivo o asfalto esquenta. O cheiro que sobe é conhecido. Fora do ônibus, pessoas trabalhando. Barulho de obra e cheiro de piche. Faz 40 °C, uma música que só eu posso ouvir começa e abre outra existência.

-1-

O assobio veio antes da fala. O barril de água fria, o calor e o armário que quase me matou vieram antes da memória.

A casa dos meus tios-avós era velha, enorme, mas a gente morava na cozinha. Era o lugar mais fresco e o papagaio assobiava e dançava. No andar de cima tinha um fogão a lenha e uma parede preta. Fuligem? Para mim, outro perigo de morte. Tinha sido fogo, incêndio que transformou aquele lugar em algo interdito. Os quartos grandes estavam sempre vazios, e nós só subíamos para dormir, em redes protegidas por mosquiteiros.

Lá fora era uma fornalha. O asfalto grudava na sola da chinela e em todas as lojas se podia comprar bugigangas estrangeiras.

“Maninha, vem cá! O Tio Amazônidas trouxe ingá”, gritou minha prima. Nos sentamos para torcer aquela fruta que mais parece um cipó, cada uma de um lado, até quebrar a casca. Lá dentro estava a doçura de um algodão. Os caroços pretos faziam montanha, e os macacos já vigiavam para saber se ia sobrar para eles.

Em Brasília não tinha ingá nem maracujá-do-mato, mas a vó amazonense fazia tapioca para o lanche da escola e vestia as netas com ponchos. Do lado das camas, bacias cheias de água com toalhas dentro, e soro nos narizes para enfrentar o inverno seco da capital. O vô só dormia em rede, mesmo no frio.

-2-

“Então, filhota” disse minha mãe quando eu tinha 7 anos, “a gente vai morar perto dos primos de Manaus”. Nós estávamos brincando no parquinho da nossa quadra. “A vovó e o vovô vão também?” Minha mãe então explicou que não, que íamos nós duas, meu pai e meus irmãos. Eu então quis saber se íamos morar com o tio Amazônidas, mas minha mãe disse que iríamos para um pouquinho mais longe, para uma vila que ficava depois de um monte de cachoeiras, e que meu pai ia trabalhar lá.

“É uma usina hidrelétrica chamada Balbina”. Eu era muito pequena para entender. Diante do meu ar de choro, minha irmã mais velha adiantou que a floresta ia aumentar, mas que ia ser bem mais fresca.

-3-

Balbina era uma mulher Waimiri Atroari que quis se casar com um homem de outro povo e para isso fugiu da sua aldeia. Na fuga, morreu afogada no rio Uatumã, e se encantou. Ou foi assim que entendi a lenda.

-4-

A vila recém-construída cheirava a piche. Nós morávamos no lado Waimiri, e quem trabalhava na barragem morava no lado Atroari. Divisão forçada de quem foi levado para lá e de quem tinha sido expulso de lá.

Na rua inacabada, o contêiner era barco pirata. Na praça em frente a nossa casa, as flores gigantes eram esconderijos. A janela da igreja, vermelha, parecia nos ameaçar com o intangível. Passávamos correndo como se algo fosse se atirar sobre nós. Ao lado da igreja, a padaria dos pães duros e insossos e o vídeo clube da mãe do meu melhor amigo.

Balbina era toda assim, novidade na escola, nos clubes, no hospital e no comércio recém-construídos. Era liberdade de dia, e medo do escuro de noite. A chuva que caía sempre na mesma hora era o momento de colocar minha capa vermelha e ser a rainha do vento. A floresta, infinita, era uma redoma de neblina e vento fresco, que nos protegia do calor e enchia a noite de estrelas. Mas era também ameaça. “Pode ir perto, mas não tão perto assim. Vai pra trás da casa dos visitantes e fica em silêncio, talvez tu escutes o uirapuru”.

Mas eu, tão menina, queria ser onça e desbravadora, em cima da minha bicicleta, explorando a vila vazia às três da tarde. Queria poder ir para dentro da floresta, para dentro do rio, sem medo do boto nem dos jacarés.

-5-

“Mãe, a gente pode ir pra casa da tia Neuza?” Uma tristeza que eu não entendia me fazia querer ficar embaixo da mesa de trabalho da minha mãe. Mas não, não dava para ir ver o tio Amazônidas. A estrada era de terra e enlameava. Não era qualquer carro que podia descer. Nós tínhamos que esperar que alguém da obra tivesse que ir para Manaus, para poder ir também.

Nesses dias a minha mãe me mandava ir para o clube, aproveitar minhas férias. Lá a criançada só saía da piscina para comer ou para explorar a quadra onde os adultos jogavam futebol, mas que para as crianças era proibida, porque ficava muito perto da floresta. Era um terreno vazio, de terra batida e avermelhada. Lá, diziam, tinha sido um pedaço de aldeia Waimiri Atroari. Nós íamos escondidas, para brincar de chamar espíritos com a ajuda de um copo e um desenho rabiscado na terra. Na quietude do lugar, dava para ouvir os guaribas e os seringueiros, e tem quem jure até hoje que o curupira rondava o lugar. Um dia uma ventania varreu nosso desenho, uma onça rugiu, e nós ficamos com medo para sempre de lá.

-6-

“Mãe, eu tô triste, posso ficar aqui com você?” Eu continuava insistindo. As férias tinham acabado, mas depois da aula dava para ir para o clube, brincar na praça ou andar de bicicleta. Mesmo assim eu queria ficar agarrada nas pernas da minha mãe, ou ir visitar o tio Amazônidas.

-7-

O passeio preferido era ir para o igarapé. No meio do rio uma mancha escura. Mães e pais nos assustavam, diziam que era um sumidouro capaz de engolir um cavalo. Nosso desafio favorito era enfrentar a mancha, nadando o mais rápido possível para não sermos sugados e levados sei lá para onde. Afinal, para onde nos envia um sumidouro?

“Lembra de entrar no rio arrastando os pés, arraia tem ferrão cheio de veneno!”

“Crianças, melhor não brincar de noite no quintal. A vizinha ganhou neném e tá amamentando. O leite vai atrair cobra.”

“Filhota, o Bebeto foi internado. Ele não vai mais voltar, tá, pra brincar contigo.”

Balbina era toda assim, perigo à vista e nem tão à vista. Medo de cobra, de aranha e de sapo. Cuidado com o veneno! Da cobra, da aranha e do sapo. Cuidado com o mosquito, tu não queres ter malária! Não pode pisar na vitória-régia, o espírito que mora embaixo dela te puxa!

Algumas vezes, meu pai nos levava até a barragem. Descendo a estrada de terra cheia de curvas, só o que eu conseguia ver era a neblina por cima das árvores, mas quase tocando o chão. Bruma que, como em um sonho, parecia sólida. Tão viva e tão sem-par.

Na barragem, víamos a floresta ainda mais densa, verde-escura, úmida.

Uma idade, espanto, fascínio. Até hoje, a presença amazônica em qualquer calor que se instale na ilha onde vivo. Tão longe das Anavilhanas. Tão longe do rio Uatumã. Tão longe da minha Balbina, vila e mulher, ambas encantadas.

Em mim, tudo o que ganhei em Balbina. A liberdade, o gostar de andar descalça, o saber comer peixe com espinho e picar banana em qualquer comida. Também em mim tudo o que foi perdido por Balbina. A liberdade, os animais afogados, as pessoas retiradas da sua terra e toda a história inundada.

No fundo da floresta está o recomeço.

Minha mãe olha para mim, ainda embaixo da sua mesa. “Filha, vamos ter que ir pra Manaus. O Tio Amazônidas morreu.”



## Sobre a autora

Livia Vitenti nasceu em Brasília em 1979. Especialista em Antropologia das emoções, com doutorado pela Universidade de Montreal, é também escritora e tradutora. É autora do livro Quando o que é Prata se torna cinza, da Avá Editora, e do livro Los Pueblos Indígenas Americanos y la Práctica del Suicidio. Una reseña crítica, da Editorial Prometeo. É fundadora e editora da revista de literatura Sarabatana.